

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra
de Magos

**A actividade
metalúrgica e a olaria
de Sines romana**

**A emergência de uma
Arqueologia Contemporânea
em Portugal**

**Artes do couro no
medievo peninsular**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Caldeira e ciclones para produzir ar aquecido, depois conduzido aos secadores da Fábrica de Descasque de Arroz da Casa de Cadaval, em Salvaterra de Magos.

Foto © Leonor A. P. de Medeiros.



II Série, n.º 22, tomo 3, Janeiro 2019

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio

Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinelli, Telmo
António, Ana C. Araújo, Thierry
Aubry, Renata F. Barbosa, Luísa
Batalha, Carlos Boavida, Guilherme
Cardoso, André Carneiro, António R.

Carvalho, Vânia Carvalho, Tânia M.
Casimiro, Ana M. Costa, Fernando
Costa, Francisco Curate, Luca A.
Dimuccio, Ana Luísa Duarte, Vitor
Durão, José d'Encarnação, Lídia
Fernandes, Carlos Galhano, Cristina
Gameiro, Jesús García Sánchez,
Carolina Grilo, Rogier A. A. Kalkers,
Sebastião L. de Lima Filho, Virgílio
Lopes, Joana S. Macedo, João Marques,
Jorge A. M. Marques, Teresa Marques,
Henrique Matias, Leonor A. P. de
Medeiros, Henrique Mendes, Paulo C.
F. Monteiro, Nuno Neto, Rui Oliveira,

Luiz Oosterbeek, Franklin Pereira,
Paula A. Pereira, João Pimenta,
Albérico N. de Queiroz, Jorge Raposo,
Paulo Rebelo, Marco A. Rocha,
André T. Santos, Dario Seglie, João L.
Sequeira, Miguel Serra, João Luís
Sequeira, Vítor R. C. de Sousa,
Tesse D. Stek e Chia-Chin Wu.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A *Al-Madan Online* abre este novo tomo com uma reflexão acerca da investigação e da comunicação científica, da margem de incerteza que as caracteriza e da tolerância com que devem ser encaradas pois, frequentemente, mesmo quando se identificam as questões correctas, o tempo mostra que nem sempre se obtêm e partilham as respostas mais adequadas.

Tendo presente essa contingência, é de divulgação científica que tratam as páginas seguintes, com realce para sítios e contextos de Época Romana em Sines, em Cascais e no Alto Alentejo, nomeadamente no Município de Fronteira. Mas dá-se igual atenção ao impacto da Arqueologia preventiva na identificação de ocupações humanas do Paleolítico Superior em todo o país, e ainda, noutro âmbito cronológico, aos trabalhos arqueológicos realizados numa fábrica de descasque de arroz instalada em Salvaterra de Magos na segunda metade do século XX. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, agora com as ameaças à arte rupestre do Nordeste do Estado da Bahia, e há também espaço renovado para as arqueociências, neste caso através de uma proposta metodológica para a identificação de tubérculos secos, cozidos ou calcinados.

A premente definição disciplinar de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal é defendida em artigo de opinião, a que se segue estudo que apresenta a Análise Urbana como domínio da Arquitectura que integra conhecimentos da História e da Arqueologia, entre outros.

Ao Património móvel e imóvel são dedicados textos sobre a conservação e restauro da fachada do edifício sede da colectividade mais antiga de Tomar, que assinalam a identificação e incorporação em museu de um azulejo valenciano dos séculos XV-XVI aplicado em imóvel de Sintra, e que tomam exemplares de aljavas provenientes do Sultanato de Granada (1238-1492) como ponto de partida para a abordagem mais geral das artes do couro na Península Ibérica durante a Idade Média.

Há ainda diferentes contributos para a História Local de Alcácer do Sal e de Almada, fruto da análise de conjuntos documentais dos séculos XVI a XVIII, bem como diversificado noticiário de natureza arqueológica, incluindo resultados de escavações, de projectos museológicos, de acções de Educação Patrimonial, etc.

Livros e revistas recentemente publicados também merecem comentário ou destaque e, nas páginas finais, encontram-se breves relatos de um número significativo de eventos científicos realizados em Portugal e no estrangeiro, com temáticas muito diversificadas, cuja partilha é útil para a comunidade científica portuguesa e para outros interessados. A fechar, agendam-se eventos do mesmo tipo já divulgados para os próximos meses. Enfim... muitas e boas razões para agradáveis momentos de leitura.

Jorge Raposo

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

Da Tolerância Científica | José d'Encarnação...6 ▶

ARQUEOLOGIA

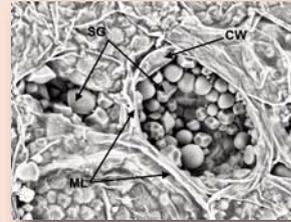


Trabalhos Arqueológicos na Fábrica de Descasque de Arroz da Casa Cadaval (Salvaterra de Magos): tecnologia, património e comunidade | Leonor A. P. de Medeiros...9 ▶



Entre Afloramentos, Sapatas, Argamassas e Paralelepípedos: a destruição do património arqueológico rupestre na região de Coronel João Sá, nordeste da Bahia | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Suely Amâncio-Martinelli e Albérico Nogueira de Queiroz...61 ▶

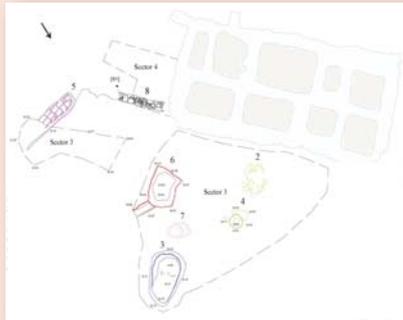
ARQUEOBOTÂNICA



A Typological Approach to the Identification of Carbonized Dried and Cooked Parenchyma of Vegetative Storage Organs | Chia-Chin Wu...69 ▶

OPINIÃO

A Atividade Metalúrgica e a Olaria de Sines Romana: dados preliminares | Paula Alves Pereira e Carlos Galhano...20 ▶



Os Deuses Devem Estar Loucos... ou a Emergência de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal | Tânia Manuel Casimiro e João Luís Sequeira...88 ▶



O Forno Romano e Poço de Época Tardo-Romana do Alto do Cidreira, Cascais | Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Paulo Rebelo e Nuno Neto...38 ▶

ESTUDOS

Primeiros Resultados do *Fronteira Landscape Project*: a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo | André Carneiro, Jesús García Sánchez, Tesse D. Stek e Rogier A. A. Kalkers...46 ▶



Apresentação do Projeto PALEORESCUE. O Paleolítico Superior e a Arqueologia preventiva em Portugal: desafios e oportunidades | Cristina Gameiro e Luca A. Dimuccio...55 ▶

Análise Urbana: integração de conhecimentos multidisciplinares | Vitor Durão...98 ▶

PATRIMÓNIO



Conservação e Restauro da Fachada do Edifício da Sociedade Banda Republicana Marcial Nabantina, em Tomar: da pintura mural à conservação das cantarias trabalhadas | Fernando Costa, Renata Faria Barbosa, Joana Shearman Macedo e Marco Amaral Rocha...106 ▶



Um Azulejo Valenciano de Finais do Século XV-Inícios do Século XVI na Quinta das Flores, Massamá (Sintra) | Vítor Rafael Cordeiro de Sousa e Rui Oliveira...114 ▶



Artes do Couro no Medieval Peninsular. Parte 1: aljavas de Granada | Franklin Pereira...119 ▶

HISTÓRIA LOCAL

A Fundação da Ermida de São Romão: um olhar sobre a Ribeira do Sadão, no limite entre os Termos de Alcácer e do Torrão, nos séculos XIV a XVII | António Rafael Carvalho...129 ▶



“De Doenças Esporádicas Farei Algumas Histórias”: Gaspar Lopes Henriques de Chaves (1729-1796), médico do Partido da Vila de Almada | Telmo António e Francisco Curate...153 ▶

Documentação Setecentista Referente ao Ermitério e Hospício de Carmelitas Calçados e Terceiros de Nossa Senhora do Carmo da Serrinha (freguesia de São Martinho, município de Alcácer do Sal) | António Rafael Carvalho...140 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira): a campanha de escavações de 2018 | João Pimenta e Henrique Mendes...159 ▶

Prémio Ibermuseum de Educação para o Côa | Ana Luísa Duarte...161 ▶

Inscrição da Capela de S. Domingos (Travessa de S. Domingos, Viseu) | Jorge Adolfo de Meneses Marques...162 ▶

PO.RO.S: Museu Portugal Romano em Sicó | Paulo Celso Fernandes Monteiro...165 ▶

Em Setembro Lisboa Foi Mais Romana: festival *Estes Romanos Estão Loucos* no Museu de Lisboa - Teatro Romano | Lídia Fernandes e Carolina Grilo...169 ▶

Efemérides da Arqueologia Portuguesa no Final de 2018 | Ana Luísa Duarte...173 ▶

Manifesto pela Conservação e Restauro | Ana Luísa Duarte...173 ▶

LIVROS & REVISTAS

30 Anos de Arqueologia em Oeiras | Jorge Raposo...174 ▶

Os 25 Anos da Revista *al-'ulyà* | José d'Encarnação...175 ▶

Novidades editoriais...177 ▶

EVENTOS

O Museu do Côa e as Problemáticas da Arte Paleolítica ao Ar Livre e das Origens da Arte | André Tomás Santos e Thierry Aubry...179 ▶

Vinte anos leva-os o tempo; ficam as palavras para lembrar a história. O Menino do Lapedo: vinte anos depois | Ana Cristina Araújo, Ana Maria Costa e Vânia Carvalho...182 ▶

Symposium Internacional *La Porticus Post Scaenam en la Arquitectura Teatral Romana*, em Cartagena | Carolina Grilo...185 ▶

X Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular | Miguel Serra...188 ▶

Seminário Internacional *Producción y Comercio en la Lusitania de Augusto* (Mérida) | André Carneiro...191 ▶

Colóquio *Silos, Matamoras e Covas de Pão. Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal:* breve crónica | Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques e Teresa Marques...193 ▶

Colóquio *O Paleolítico em Portugal: um quarto de século de abordagem tecnológica* e Mesa-Redonda *Transição Pleistocénico-Holocénico* | Cristina Gameiro e Henrique Matias...196 ▶

Boas Práticas na Gestão de Espólios Arqueológicos | Jorge Raposo...198 ▶

Os Erros em Epigrafia: nota sobre as jornadas de Milão | José d'Encarnação...200 ▶

Arte Rupestre do *Homem de Neandertal:* a conferência internacional *NeanderART 2018* | Luiz Oosterbeek e Dario Seglie...201 ▶

XIV Conferência da AIEMA, Chipre | Virgílio Lopes...202 ▶

VII Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, em Tarragona | Virgílio Lopes...203 ▶

Agenda de eventos...202 e 203 ▶

RESUMO

Apresentação dos primeiros resultados do *Fronteira Landscape Project*, dedicado à Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo. Em Janeiro de 2018, trabalhos de campo no concelho de Fronteira recorreram a metodologias não invasivas, como prospecção de superfície, reconstrução fotogramétrica da paisagem, prospecção geofísica por georadar e análise intensiva dos dados artefactuais que foram georreferenciados na recolha de superfície. Estes dados somam-se aos obtidos nas campanhas anuais em curso na *villa* romana da Horta da Torre, e em sondagem na *villa* romana de Monte de S. Francisco, onde foram encontradas sepulturas dos séculos V ou VI. O objectivo é estruturar uma reconstrução global da paisagem romana e tardo-antiga.

PALAVRAS CHAVE: Época Romana; Antiguidade Tardia; Arqueologia da paisagem; Geofísica.

ABSTRACT

Presentation of the first results of the *Fronteira Landscape Project*, dedicated to Roman Landscape Archaeology in the Alto Alentejo. In January 2018, field work in the municipality of Fronteira resorted to non-invasive methods such as surface survey, photogrammetric reconstruction of the landscape, geophysical survey by means of geo-radar and intense analysis of the artefact data geo-referred during the surface survey. This data adds to that obtained in the annual campaigns under way at the Roman *villa* of Horta da Torre and during the survey of the Roman *villa* of Monte de S. Francisco, where burials from the 5th or 6th centuries were found. The aim is to structure a global reconstruction of the Roman and Late Antiquity landscape.

KEY WORDS: Roman times; Late Antiquity; Landscape archaeology; Geophysics.

RÉSUMÉ

Présentation des premiers résultats du *Fronteira Landscape Project* dédié à l'archéologie du paysage romain dans le Alto Alentejo. En janvier 2018, des travaux sur le terrain dans la municipalité de Fronteira ont eu recours à des méthodologies non invasives, telles la prospection de surface, la reconstruction photo-grammétrique du paysage, la prospection géophysique par géo-radar et l'analyse intensive des données sur les objets qui ont été géo-référenciés lors du recueil en surface. Ces données s'ajoutent à celles obtenues dans les campagnes annuelles en cours dans la *villa* romaine de la Horta da Torre, et dans le sondage de la *villa* romaine du Monte de S. Francisco où ont été trouvées des sépultures des Vème ou VIème siècles. L'objectif est de structurer la reconstruction globale du paysage romain et antique tardif.

MOTS CLÉS: Époque romaine; Antiquité tardive; Archéologie du paysage; Géophysique.

^I Universidade de Évora, ampc@uevora.pt.

^{II} Fronteira Survey Project, jesus.garciasan@gmail.com.

^{III} Royal Netherlands Institute in Rome (KNIR).

^{IV} Leiden University.

Por opção dos autores, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Primeiros Resultados do *Fronteira Landscape Project*

a Arqueologia da paisagem romana no Alto Alentejo

André Carneiro ^I, Jesús García Sánchez ^{II}, Tesse D. Stek ^{III} e Rogier A. A. Kalkers ^{IV}

INTRODUÇÃO

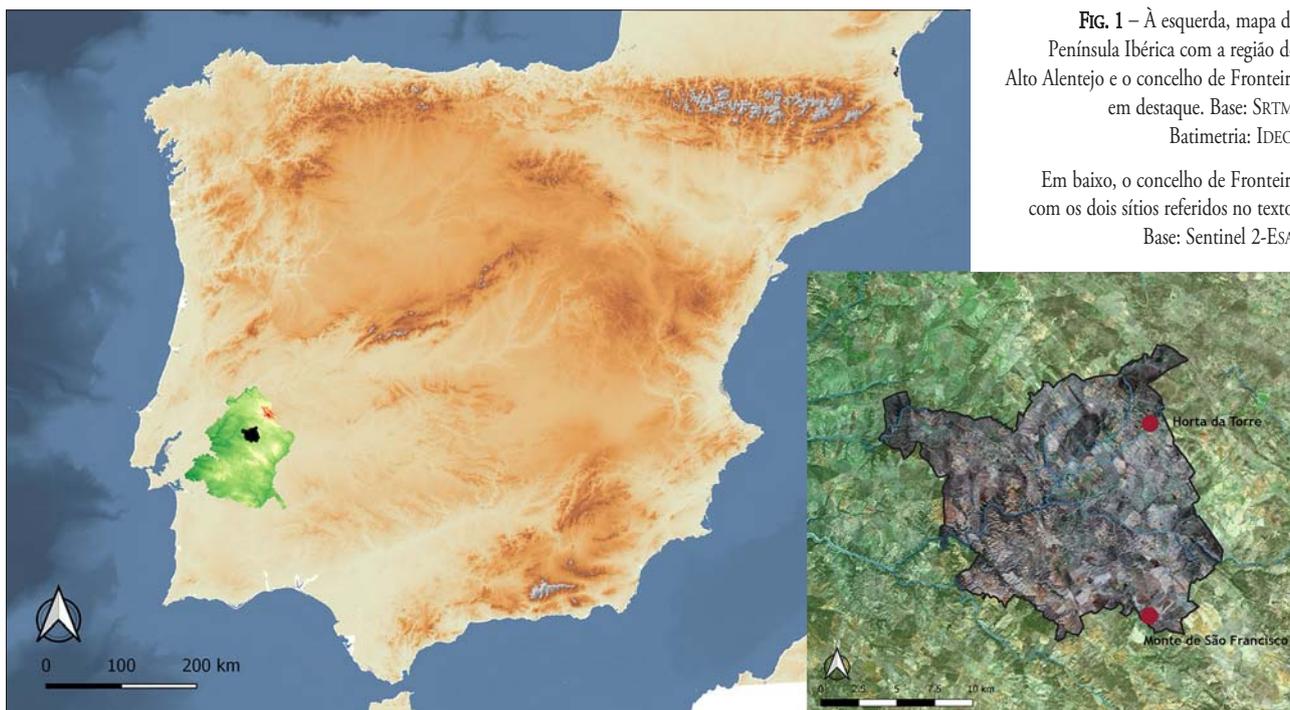
O presente artigo resulta de uma linha de investigação que envolve a Faculty of Archaeology da Leiden University e a Universidade de Évora, com o apoio logístico do Município de Fronteira e do Centro de Ciência Viva de Estremoz, e o enquadramento financeiro da Prins Bernhard Cultuurfonds. O principal objectivo centrou-se no estudo do impacto da presença romana na *Lusitania*, acrescentando resultados ao projecto de investigação em curso FRONTAGER IV, que procura reconstituir os padrões de ocupação do território em época romana, com a promoção de escavações na *villa* romana da Horta da Torre como estudo de caso. A metodologia de intervenção e trabalho centrou-se na experiência adquirida na análise de Arqueologia das Paisagens em território italiano, nomeadamente no projecto Landscapes of Early Colonization, que permitiu o desenvolvimento de novas abordagens teóricas (STEK e PELGROM, 2014) e metodológicas (CASAROTTO, 2018) sobre o registo arqueológico do expansionismo romano. Desta análise resultaram novas leituras sobre os processos pelos quais Roma exerceu a sua influência e controlo sobre os povos itálicos e oscos desde os inícios do século IV a.C. e ao longo do III a.C. Neste aspecto, a colonização e apropriação do território foi central na extensão do controlo político e estratégico sobre extensas áreas que faziam parte do território samnita ou sobre zonas de influência das colónias gregas na Campânia. Como sabemos, o expansionismo romano estendeu-se à Península Ibérica no quadro da Segunda Guerra Púnica, após o desembarque de *Saguntum*, em 220, e a segunda centúria a.C. marcou o início de vários recontros entre as comunidades indígenas e o exército romano. Estes confrontos tiveram como consequência o progressivo controlo romano do território

de Sudeste para Noroeste, a fundação ou integração de aglomerados urbanos na *Baetica*, e a criação de linhas de sítios com a função de controlarem os circuitos de passagem para o interior do território lusitano (e áreas envolventes em zonas actualmente *extremeñas* e alentejanas), em especial após a derrota de *Lucius Aemilius Paulus*, em 194 a.C. Este processo de apropriação do território, ainda insuficientemente documentado do ponto de vista arqueológico, começa a ser estudado, sobretudo pela escavação de alguns recintos-torre fortificados (WILLIAMS, 2017; revisão crítica por MAYORAL HERRERA, 2018), que parecem ter sido utilizados por comunidades de base agrícola (ítálicas ou indígenas?) como pontos de refúgio seguros ao longo de um território insustentável, ou por pequenos contingentes armados encarregues do controlo visual do território ou, eventualmente, por ambas as comunidades, visto que o debate interpretativo prossegue.

A situação de incerteza no quadro do povoamento e controlo do território irá continuar, pelo menos, ao longo de um século. Estes recintos-torre, recintos ciclópicos, fortins e quintas fortificadas – a profusão de terminologias mostra as dificuldades de gestão e interpretação de uma diversidade de estruturas no terreno – podem ter coabitado com modelos mais vastos e instalados em paisagens abertas, concedendo aos povos indígenas várias formas de integração neste processo ou, pelo contrário, de oposição armada, individualmente ou através de alianças (especialmente com os *Vettones*). O melhor exemplo será a campanha de *Viriatus* contra Roma, no quadro das designadas Guerras Lusitanas (155-139 a.C.), sendo necessário sublinhar (tal como nos processos registados na península itálica, com os quais começámos o presente texto), que as fontes literárias existentes têm de ser analisadas com todo o cuidado quando se referem a estes episódios.

O processo seguinte passa pelo conflito sertoriano, que irá culminar nas reformas de Júlio César e no projecto político augustano. O controlo político do território será assegurado através da fundação de cidades, que se projectam sobre o território envolvente pela infra-estruturação da rede viária e atribuição de lotes de terreno a colonos (veja-se o conhecido exemplo em torno de *Emerita Augusta*). Processos similares ocorreram em Itália, após a derrota da coligação de aliados às mãos de *Sulla* durante as Guerras Sociais. Portanto, assistimos a processos de resiliência indígena frente ao controlo romano que são relativamente similares, embora em momentos distintos, o que fornece pontos de comparação relevantes para o conhecimento de processos espacialmente distanciados. Da mesma forma, também após o fim do Império e a desagregação do sistema das *villae* encontramos processos de resposta à desestruturação do sistema de controlo político (BROGIOLO e CHAVARRÍA ARNAU, 2008: 195).

A nossa linha de investigação procura reconstruir a análise do processo de expansionismo, controlo e colapso do sistema, analisando as redes de povoamento e os modos de habitar na paisagem no território do actual município de Fronteira (distrito de Portalegre) (Fig. 1), onde um de nós (A. C.) dirige projectos de análise do território e escavação de sítios de época romana desde o ano 2000. Neste texto, apresentamos os primeiros resultados da análise da paisagem envolvente de duas *villae* que já tiveram escavações arqueológicas: Horta da Torre (Cabeço de Vide), onde decorrem escavações anuais desde 2012, e, no extremo oposto para Sul, Monte de S. Francisco (junto à aldeia de Vale de Maceiras), onde uma sondagem arqueológica de emergência foi realizada em 2015. Em ambos os casos, os resultados são relevantes para a análise do processo de evolução destes grandes sítios monumentais na Antiguidade Tardia.



Os métodos empregues combinam soluções não invasivas que foram utilizadas nos projectos de investigação em estudos de caso na Itália (Sacred Landscapes Project, Tappino Area Archaeological Project, Colonial Landscape Project Aesernia e prospecções no *Ager Venusinus*), nomeadamente fotogrametria aérea de baixa altitude (VERHOEVEN, 2009), prospecção intensiva com recolha geo-referenciada de superfície e geofísica utilizando *Ground-Penetrating Radar* (GPR). Os resultados, como foi referido, são combinados com análises prévias às bases de dados recolhidas (CARNEIRO, 2004; 2005; 2014) e escavações em áreas específicas de dois sítios. Neste caso, os resultados, embora sejam parcelares porque as superfícies escavadas são relativamente diminutas face à área potencial de existência de estruturas, acabaram por revelar-se muito significativos, em especial na leitura que nos fornecem dos processos de evolução sequencial para o Império tardio e para a fase pós-romana, permitindo-nos detectar dois processos distintos em duas *villae* que, para todos os efeitos, estão espacialmente próximas. Em Horta da Torre, a sala de dupla ábside, que inclui um *stibadium*, irá ser ocupada por uma comunidade *squatter*¹ que, inclusivamente, irá perfurar o pavimento em *opus signinum* para construir uma *longhouse*². Os revestimentos parietais em mármore e todos os materiais irão ser sistematicamente pilhados nas estruturas postas a descoberto. Esta última fase de ocupação está bem datada estratigraficamente em torno a meados do século V d.C., quando o local havia sido previamente abandonado de forma ordeira, e antes que ocorra o definitivo colapso das paredes e eventual tecto (CARNEIRO, 2017a). Em Monte de S. Francisco, junto à face exterior das estruturas da *villa*, uma necrópole com cerca de 13 enterramentos irá instalar-se de forma desorganizada, com tumulações em torno ao final do século V.

A PAISAGEM E A ABORDAGEM AOS SÍTIOS

A nossa abordagem baseia-se sobretudo nas metodologias empregues em projectos de trabalho prévios que foram conduzidos no território de Fronteira, inicialmente com o enquadramento municipal, e em fase posterior no âmbito das análises de Arqueologia da Paisagem e Ambiente conduzidas na Universidade de Évora. Em 2018, somaram-se os contributos trazidos pela Faculty of Archaeology da Leiden University, beneficiando da experiência de trabalho na Península Itálica. Desta forma, criámos uma *fieldschool* denominada Fronteira Landscape Project, que reuniu 22 alunos de formação avançada provenientes de universidades de oito países da Europa, e que funcionou entre 15 de Janeiro e 03 de Fevereiro de 2018. Além dos trabalhos de campo, os participantes receberam formação específica no reconhecimento e catalogação de materiais arqueológicos, em metodologias de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), bases de dados e inventários de informação, análises de fotografias aéreas, modelação de terreno e leitura da paisagem, tendo ainda a possibilidade de assistir a conferên-

cias especializadas promovidas pelos membros do projecto e por colaboradores. Em algumas ocasiões, fizeram-se visitas de estudo a sítios arqueológicos da região, bem como a museus com relevantes colecções de arqueologia, como no caso do Museu de Arqueologia da Fundação Casa de Bragança, em Vila Viçosa.

Registe-se ainda que, no quadro do projecto, foi realizado o congresso The Archaeology of Roman Portugal in its Western Mediterranean Context, que decorreu entre 13 e 15 de Junho em Leiden, na Faculty of Archaeology, e que reuniu investigadores que se dedicam ao tema das *paisagens da romanização*, estando a prevista edição de uma monografia final para 2019 já assegurada pela prestigiada editora Oxbow Books, garantindo-se assim a repercussão internacional dos resultados.

Neste quadro de trabalho, a nossa base de dados inicial foi formada pelo catálogo de sítios do concelho de Fronteira (CARNEIRO, 2004; 2005) e do Alto Alentejo (CARNEIRO, 2014) reunido por um de nós (A. C.) no âmbito de prospecções intensivas (no primeiro caso) e de realocações de sítios (no segundo), que permitiram um relativamente detalhado *corpus* de sítios depois trabalhado cartograficamente por outro dos autores (J. G. S.) (Fig. 2). Estes dois *corpora* de informação concedem-nos um quadro a longo termo dos padrões de povoamento na região, que vão desde a Pré-História (no caso do concelho de Fronteira) até à Antiguidade Tardia. Esta informação compilada é a base para a compreensão regional dos fenómenos relacionados com o padrão de povoamento rural que constitui a *Paisagem Romana* sobre a qual podemos trabalhar.

A informação contida nos registos obtidos permite-nos traçar um quadro global para a compreensão dos fenómenos e formas de ocupação romana do território e de estruturação da paisagem rural. Neste artigo, não é o momento para discutir o padrão de povoamento centrado em povoados de altura fortificados (exemplificado em Cabeça de Vaia-monte, Monforte, ou em Evoramonte, Estremoz), ou a transição para uma paisagem onde as formas de controlo romano já se encontram presentes (sumariamente abordado na presente introdução), e que, no concelho de Fronteira, se manifestam em sítios como as “torres gé-

¹ Denominam-se desta forma as ocupações de tipo “precário” que se verificam em sítios arqueológicos abandonados após a fase de ocupação “imperial”, ou seja, durante e após o século V. Os *squatters*, cuja identidade não é conhecida, ocupam as estruturas abandonadas durante um curto período, procedendo ao saque sistemático de todos os materiais decorativos e construtivos que poderiam ter algum valor.

² Estruturas de tipo cabana alongada, que documentam formas precárias de ocupação do espaço, pertencentes a comunidades com elevado grau de mobilidade que se encontram no território peninsular (em especial na Meseta central) durante os séculos V e VI. O investimento na sua construção é muito escasso, sendo estes sítios geralmente documentados pelos buracos de poste e estruturas negativas deixadas, o que torna complexa a sua detecção em estruturas arqueológicas.

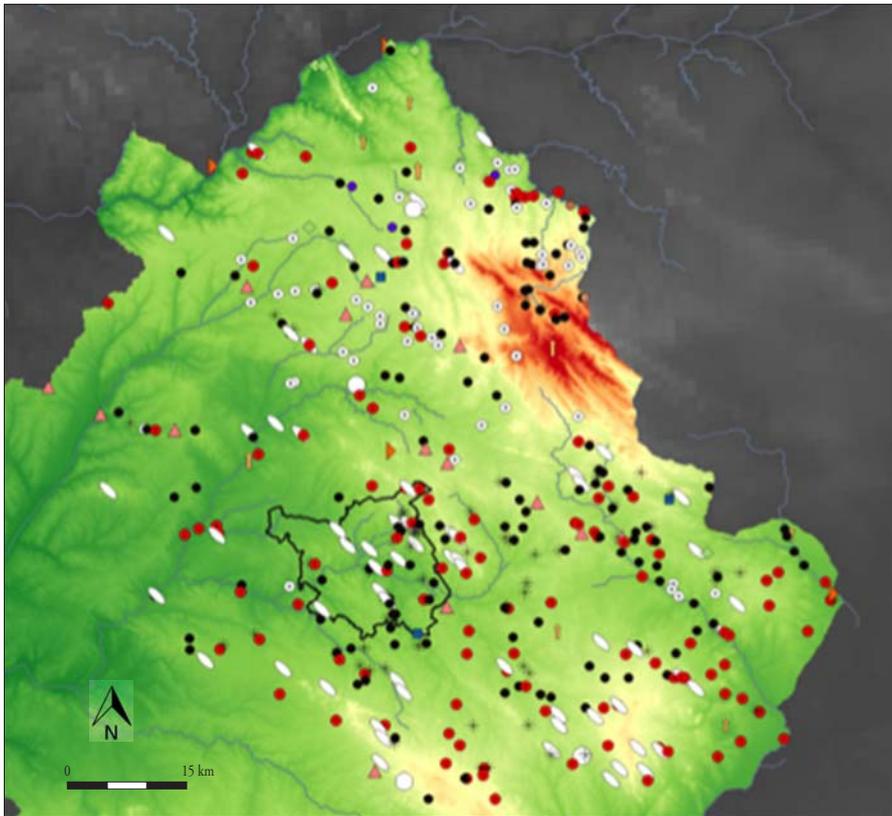


FIG. 2 – A rede de sítios de povoamento rural romano no Alto Alentejo de acordo com as tipologias propostas (a partir de CARNEIRO, 2014).

- Achado
- Casal
- ▲ Mansão
- ◆ Mina
- ▶ Muatío
- Necrópole
- Pedreira
- ⊕ Pequeno sítio
- ⊙ Povoado
- ▬ Santuário
- Vicus
- Villa
- Villa / Necrópole

meas”, na passagem da Serra das Penas, ou o recinto ciclópico denominado Mariano, nas proximidades da *villa* de Monte de S. Francisco e a sul da aldeia de Vale de Maceiras. Mesmo para as paisagens inteiramente “romanizadas” ou de *modelo imperial*, apenas algumas breves considerações poderão ser feitas sobre os padrões de povoamento, que resultaram na definição de três grandes grupos: 1. Elevada densidade de sítios ao longo do possível itinerário da via XII e do vale do Guadiana, indicando uma economia complexa e sofisticada, com a existência de *villae* plenamente inseridas nos arquétipos clássicos; 2. O território onde a agricultura extensiva parece ter sido o modelo preferencial, controlado por *villae* monumentais, com o seu *floruit* ao longo do século IV e espaçadas por grandes distâncias, indicando *fundi* de grandes dimensões; 3. Territórios com baixa densidade de ocupação numérica na paisagem e ao longo dos quais as *villae* são quase inexistentes, predominando as marcas da cultura indígena e os fundos antropomínicos locais, parecendo tratar-se de territórios ultra-periféricos à margem da integração nos esquemas clássicos do Império, estando presentes sítios ao longo dos itinerários viários para *Olisipo*. Note-se, por curiosidade, que os três padrões parecem coexistir no interior do próprio concelho de Fronteira, onde a passagem do possível itinerário da via XIV do *Itinerário de Antonino* cria fenómenos de distorção nos padrões de povoamento, ao qual se seguem *villae* que repartem entre si o espaço de modo extensivo, e depois outras áreas ao longo das quais encontramos poucas marcas da presença romana.

Além destes factores, é necessário mencionar a notável rarefacção de aglomerados urbanos ao longo deste território. Como foi referido, a estabilização dos processos de integração da *Lusitania* é obtida com a fundação das principais cidades, em especial com a instalação dos ve-

teranos itálicos que estiveram nas guerras contra os *Cantabri* e *Astures* (29-19 a.C.). Além da capital provincial, outras cidades relevantes foram *Ebora Liberitas Iulia*, *Pax Iulia*, além de centros menores como *Ammaia* e *Albelterium*. Mas o espaçamento entre estes centros sugere a existência de espaços vazios, ou em alternativa, reforça a possibilidade de as unidades de povoamento rural controlarem os grandes *latifúndia* de exploração e, da mesma forma, as populações que viviam e trabalhavam nestes domínios de maiores dimensões.

Este padrão de povoamento, de uma estrutura de organização rural que parece distante dos principais centros urbanos, é similar ao cenário que, do ponto de vista arqueológico, um de nós (J. G. S.) tem encontrado a Norte do rio Douro, no quadro da sua investigação sobre a evolução dos padrões de povoamento romanos e a criação da paisagem organizada em torno às grandes *villae* situadas ao longo do rio Odra (GARCÍA SÁNCHEZ, 2009). O isolamento dos principais centros urbanos, em especial na relação com a distante capital conventual de *Clunia* (apenas *Segisamo* e *Iuliobriga* parecem ser relevantes para que possam ser considerados como parte da rede de aglomerados urbanos) propiciaram a eclosão de grandes domínios de exploração detidas por *domini* que obtinham os seus proveitos da exploração local (ou investiam neste território os rendimentos provenientes de outras fontes), o que desencadeia a monumentalização de algumas grandes *villae* em torno ao século III d.C., em linha com os processos ocorridos em todo o Ocidente do Império, o que também se relaciona com a reorganização administrativa e territorial da administração (BROGIOLO e CHAVARRÍA ARNAU, 2008: 195) ou com a construção *ex novo* das *villae* monumentais que marcam a paisagem rural a partir do século III (GARCÍA ENTERO, 2007).

Perante este quadro local e geral, o nosso projecto de trabalho desenhóu uma estratégia metodológica de forma a avaliar o impacto e influência das grandes *villae* na paisagem rural desde o Império romano à Antiguidade Tardia, incluindo a fase de pós-abandono. O trabalho de campo, implantado nos inícios de 2018, centrou-se na prospecção de quatro áreas seleccionadas como zonas de amostra. Todas apresentavam manchas de sítios de várias fases cronológicas, em especial com elementos significativos das épocas pré-Romana e Romana. Em termos sintéticos, foi escolhida uma área em torno do recinto fortificado de Mariano, em Vale de Maceiras; uma outra zona em paisagem totalmente distinta, a Norte do concelho, junto a Vale de Seda; outra ainda situada em torno dos recintos fortificados gémeos da Serra das Penas, prolongando-se ao extremo Norte do concelho; e uma amostra situada na envolvente do povoado fortificado de Castelo de Mau Vizinho, estendendo-se até ao vale, onde se situa a *villa* de Horta da Torre.

Em paralelo, foi estabelecido um programa de prospecção geofísica de GPR em duas áreas onde se implantam as duas principais *villae* previamente apresentadas ao leitor (Horta da Torre e Monte de São Francisco). Os trabalhos foram desenvolvidos por uma equipa da Universidad de Cadiz - UCA GPR Service, sob a direcção de Lázaro Lagóstena Barrios, utilizando uma antena Stream - X 200 mHz. Os principais objectivos centraram-se na avaliação do potencial arqueológico dos dois locais onde decorreram previamente diferentes tipos de intervenção arqueológica. Os resultados obtidos permitiram confirmar o potencial arqueológico dos sítios, sendo surpreendente reconhecer a elevada densidade de estruturas registadas e o relativo bom estado de preservação das mesmas e de contextos no subsolo, situação inesperada tendo em conta o historial de trabalhos agrícolas e de acções de recolha não autorizada nos locais (CARNEIRO, 2004). A qualidade dos dados registados ainda se encontra em análise através do cruzamento de outras técnicas e afinção de resultados, estando prevista para breve a sua divulgação pública.

RESULTADOS DAS PROSPECÇÕES INTENSIVAS

Os trabalhos de campo foram conduzidos de acordo com as premissas metodológicas seguidas em trabalhos de referência e bem consolidados nas paisagens mediterrânicas, desde o Levante à Península Ibérica. As estratégias de prospecção têm sido testadas em diversos casos de estudo em Itália, nomeadamente no Tappino Area Archaeological Project (STEK, 2018) e o Colonial Landscape Project, no território de *Aesernia* (STEK *et al.*, 2015). Consiste na cobertura intensiva de todos os territórios que podem ser acedidos em unidades regulares de 50 por 50 metros, nas quais os prospectores seguem linhas distantes entre si por dez metros, o que significa um impacto visual de um metro para

cada lado do trajecto seguido por cada um dos prospectores. Esta estratégia procura que cerca de 20 % da área fique efectivamente coberta. Todos os materiais arqueológicos são sistematicamente recolhidos, e cada um identificado deve ser colocado em sacos e registado individualmente com indicações de metadados (dia, hora, equipa, prospector e tipo de elemento recolhido) e, posteriormente, classificado em laboratório de acordo com a pré-estabelecida lista de tipologias e classes de materiais definidas no quadro do presente projecto.

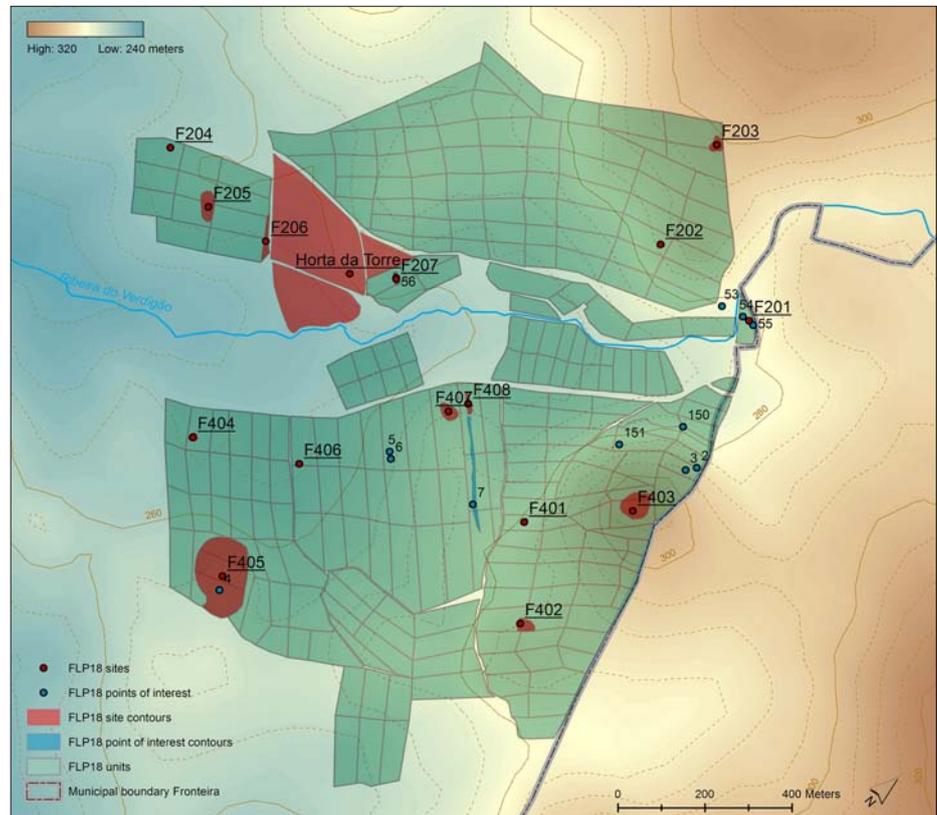
Um conjunto de cinco materiais recolhidos por metro quadrado é considerado como passível de definir um sítio arqueológico, sendo necessário georreferenciar os seus contornos. “Sítios” devem ser classificados de acordo com a homogeneidade dos materiais diagnosticados, e a informação pode ser confirmada através de novas visitas ao terreno. A principal vantagem deste método, aliás, é que permite uma inspecção posterior dos resultados de campo obtidos, quer *in-sítio*, quer *off-sítio* (isto é, WAAGEN, 2014; GARCÍA SÁNCHEZ, PELGROM e STEK, 2017).

Os resultados na campanha de prospecções em torno de Horta da Torre (Fig. 3) permitiram-nos definir um cenário complexo, no qual as áreas mais próximas apresentam pequenos sítios nas imediações. Uma zona de necrópole já havia sido identificada, imediatamente a Sudoeste do local, e a Oeste foram agora identificados dois sítios pequenos (F204 e F205). A Este e a Nordeste, a situação é um pouco complexa. Alguns sítios de menores dimensões foram identificados, sobretudo ao longo da ribeira do Vidigão (F021, F202 e F203). Alguns apresentam uma nítida cronologia romana, variando apenas em dimensões, visto que se identificaram pontos circunscritos no espaço (F405 e F406), e de médias dimensões (F407 e F408). Outros parecem estar em conexão próxima com o povoado da Idade do Ferro de Castelo do Mau Vizinho, e um outro (F405) foi identificado sobre uma plataforma sobre-elevada, sendo que, pelas dimensões (visíveis inclusivamente na fotografia aérea) e tipologia, poderia tratar-se de um acampamento romano de médias dimensões.

Este cenário complexo, de várias unidades de pequena e média dimensão registadas em curtos territórios a partir da análise *in-sítio* e *off-sítio*, coloca em destaque o papel da *villa* como elemento polarizador de várias unidades-satélite que se organizam em seu torno.

Esta área regional apresenta elementos de ligação com os elementos prévios à conquista romana, visto que os seus habitantes tinham ainda *habitus* e referenciais visuais dos sítios abandonados. Na etapa seguinte, a construção dos primeiros pontos de povoamento na paisagem e, sobretudo, a conectividade proporcionada pelos itinerários viários e as *mansiones* que os pontuavam, como *Abelterium* (Alter do Chão), permitiu novos padrões de organização que se intensificam com o momento de auge da *villa* da Horta da Torre. Contudo, talvez seja esta proximidade à via que permite, mais tarde, a ocupação da parte interencionada da *pars urbana* por *squatters* na fase de pós-abandono.

FIG. 3 – Resultados da prospecção intensiva em torno da *villa* de Horta da Torre (R. Kalkers, J. García e T. D. Stek).



RESULTADOS DA GEOFÍSICA

Os resultados obtidos pelas prospecções por GPR proporcionaram elementos inesperados, sobretudo face ao historial recente dos sítios em causa. A Horta da Torre foi um sítio martirizado por trabalhos agrícolas lesivos, mas também por muitas acções de recolhas não autorizadas de materiais com recurso a detectores de metais, e também por violações intrusivas. Em Monte de S. Francisco também se verificaram acções lesivas por trabalhos agrícolas e, mais antigas no tempo, escavações que levaram à recolha de tapetes de mosaicos guardados em colecções particulares. Em Horta da Torre, as escavações conduzidas em campanhas anuais desde 2012 permitiram identificar uma sala de representação do proprietário, coroada por um *stibadium* que representa um dos poucos exemplos reconhecidos no Ocidente do Império de uma destas estruturas ligadas ao momento dos banquetes áulicos e luxuosos, o *convivium* entre o *dominus* e os seus convidados. Além do exemplo da Horta da Torre, temos os *stibadia* registados em Faragola-Ascoli Satriano (VOLPE, 2006), na própria cidade de Roma (SAVIANE, 2017) e, na *Hispania*, em El Ruedo (VAQUERIZO GIL e NOGUERA CELDRÁN, 1997) e em Rabaçal (PESSOA, 2008), que constituía até à data o único exemplar em Portugal. As escavações permitiram recuperar a planimetria do espaço onde o *stibadium* e a *cenatio* estavam localizadas, no interior de uma sala de dupla ábside onde uma comporta de água permitia que o espaço fosse inundado, criando um ambiente sofisticado e multi-sensorial, com painéis de mosaico decorando as paredes. Mas sobretudo, as escavações conduzidas com metodologias de registo estratigráfico precisas, permitiram documentar os processos de abandono, reocupação e colapso sequenciados no local, muito bem presentes no interior da sala graças à protecção que o muro Norte ofereceu face aos trabalhos agrícolas que em muito revolveram os solos do local. Em torno a meados do século V, a *villa* foi abandonada e o espaço da sala ainda se encontrava bem preservado quando uma comunidade de

squatters ali instalou uma *longhouse*, para tal perfurando o pavimento de *opus signinum* da *cenatio* defronte do *stibadium*. O espaço do peristilo anexo, com o seu *impluvium* registando já o colapso do telhado que cobria o espaço aquando da instalação desta comunidade, será também usado como abrigo para animais e para uma área de despejo, com cinzas e restos ósseos preenchendo o espaço (Fig. 4). A área da propriedade onde se situa a *villa* era mal conhecida, embora muitas prospecções intensivas tivessem sido conduzidas desde 2000, sobretudo para delimitar espaços funcionais. Contudo, supunha-se que a estrutura de dupla ábside coroasse a área principal da *pars urbana*, sendo esta encarada como a área construtiva principal da *villa*. Em seu redor, apesar de existirem zonas de concentração de materiais e uma elevada superfície de dispersão, a área de pastagem para o gado impedia uma percepção definida de eventuais padrões no registo de

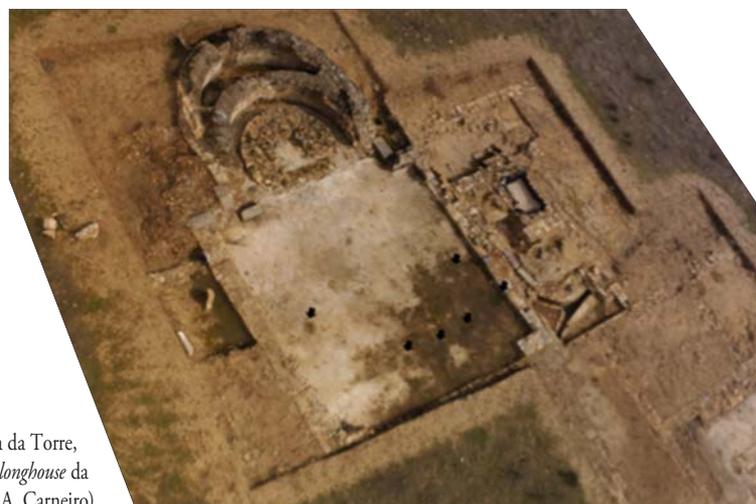


FIG. 4 – Modelação 3D da sala de *cenatio* na Horta da Torre, com as perfurações no pavimento originadas pela *longhouse* da comunidade *squatter* (A. Jansen e A. Carneiro).



FIG. 5 – Momento dos trabalhos de prospecção por georadar (GPR) na *villa* da Horta da Torre (Fronteira), com a equipa coordenada por Lázaro Lagóstena Barrios.

superfície, mesmo com o uso da análise de fotografias aéreas e com a utilização de voos por drone. Da mesma forma, o historial recente do local, onde os trabalhos agrícolas afectaram as estruturas no subsolo, deixava antever um elevado nível de arrasamento, do qual os materiais construtivos soltos visíveis à superfície (troços de muro arrancados e silhares dispersos) eram testemunho.

Contudo, os resultados do GPR trabalhados pela equipa de Lázaro Lagóstena Barrios (Fig. 5) foram surpreendentes e, embora ainda tenham de ser cruzados com outros registos obtidos durante os trabalhos de Janeiro de 2018 (nomeadamente as ortofotogrametrias de alta resolução obtidas por drone e as modelações virtuais de terreno), permitem definir um quadro estrutural passível de uma primeira interpretação.

A *villa* apresenta uma planimetria de grande volume construtivo centrado em torno de dois pátios, cada um ladeado por numerosos compartimentos ou *cubicula*, estando no pátio maior um grande edifício rectangular que coroa a área construtiva a Norte. O espaço em escavação, que se pensava ser a peça-chave da área construída, encontra-se na terminação mais a Este, ou seja, a *cenatio* e o *stibadium* fazem a final parte de um complexo periférico, certamente de acesso reservado apenas aos convidados mais próximos do *dominus*, como é habitual nestas grandes *villae* tardias. Os paralelos para esta concepção do espaço são óbvios, colocando a Horta da Torre na família de grandes *villae* articuladas em torno de um pátio central (no caso presente, dois estão registados pelo GPR), como a próxima *villa* de Torre de Palma (Monforte, e a menos de 10 km de distância, o que permite sugestivos paralelos).

No panorama lusitano, estruturas similares foram registadas com prospecções utilizando GPR em Fresno-Alhándiga (Salamanca, Espanha), onde um edifício monumental se articula ao longo do *Iter ab Emerita Asturica* (de Soto, Pérez de Dios, comunicação pessoal).

Da mesma forma, um paralelo supra-regional que também foi obtido recorrendo a prospecções por GPR é a *villa* de Vegas Negras (García Rojo, Carmona Ballester, Cortés Bárcena, Vega Maeso, comunicação pessoal). Em todos estes casos, incluindo a Horta da Torre, encontramos a implantação da estrutura no centro de grandes áreas de exploração, dedicadas à combinação de agricultura extensiva com produções de regadio, distantes de centros urbanos e, por isso, afastadas de zonas de poder urbano e controlo. No caso de Torre de Palma, a construção e relevância da basílica talvez indique o uso do edifício como forma de suprir a distância a centros urbanos, criando a densificação das redes de relação social e de presença da autoridade junto das comunidades rurais. Todavia, em todos estes casos, o itinerário das vias assegura a facilidade de ligações e a conectividade com os mercados e sistemas de abastecimento, mas também de escoamento dos produtos.

Em Monte de S. Francisco, a área da *villa* foi identificada aquando das prospecções para a Carta Arqueológica de Fronteira (CARNEIRO, 2005), salientando-se uma extensa seriação de *terra sigillata* clara A, C e D que apontava para uma intensificação do perfil de ocupação em época tardia. Em 2015, trabalhos agrícolas colocaram à vista uma grande laje de xisto que cobria uma inumação. A escavação de emergência realizada em Setembro desse ano permitiu identificar o esqueleto completo no seu interior, bem como a estrutura tumular de mais duas inumações. Não havendo espólio identificado, o conjunto pode ser datado de finais do século V ou início da centúria seguinte, não havendo qualquer indicação sobre a possível identidade ou ritual religioso seguido.

A área de necrópole situava-se fora da zona de maior densidade de vestígios de superfície, situação que as prospecções de GPR efectuadas em Janeiro de 2018 permitiram confirmar, uma vez que se identificaram 13 inumações que rodeiam um conjunto estrutural que assume dimensões bastante relevantes. A análise dos dados recolhidos está ainda em curso, mas identificam-se duas áreas de um edifício principal com vários *cubicula*, incorporando espaços interiores de maiores dimensões que poderão corresponder a zonas funcionais ou a áreas cobertas. Como dado relevante, assinala-se que, a cerca de 75 metros da área edificada, encontram-se muitos fragmentos de escória de metal de significativas dimensões, além de material de construção cerâmico com sobrecozedura, incluindo deformações, sendo de registar que, nesta área, o GPR registou anomalias significativas. Estes dados permitem interpretar o local como uma área de forno e laboração metalúrgica ainda de dimensões e função indeterminada (autoconsumo ou produção para escalas maiores?).

CONCLUSÕES

Procurámos apresentar de forma sintética os primeiros resultados da acção conjunta entre a Faculty of Archaeology da Leiden University e a Universidade de Évora, consubstanciado no projecto de *fieldschool* que concretizou acções de campo em Janeiro e Fevereiro de 2018, tendo promovido um congresso internacional na Holanda em Junho de 2018. Nos próximos meses, mais resultados serão divulgados, sobretudo após o processamento da análise cruzada de mais dados de terreno que ainda estão por trabalhar, bem como o amadurecimento da relevante informação recolhida por vários meios e suportes, quer no âmbito da *Landscape Archaeology*, quer no campo da Arqueologia virtual. Esta massa de dados soma-se ao conjunto proveniente das várias escavações na *villa* romana da Horta da Torre, da sondagem de emergência em Monte de São Francisco, bem como aos dados recolhidos ao longo de quase vinte anos no estudo da paisagem romana do actual concelho de Fronteira.

Esta abordagem sistemática, que tem combinado a utilização de métodos de prospecção não invasiva com as escavações arqueológicas de registo estratigráfico detalhado, permitiram-nos reunir dados relevantes para a reconstituição da paisagem romana ao longo de vários séculos de evolução, e detectar factores de transformação intersítios e também intra-sítios, à escala local e regional.

Neste caso concreto, a informação recolhida em duas relevantes *villae* do concelho permitiu-nos identificar diferentes formas de estratégias de reocupação pós-abandono. Em primeiro lugar, o sítio de Horta da Torre permitiu-nos recuperar a reocupação *squatter*, com a reciclagem dos componentes dos programas decorativos e arquitectónicos do edifício áulico, demonstrando novas formas de percepção do espaço (CHAVARRÍA ARNAU, 2007; MUNRO, 2012: 358). Em Monte de São

Francisco, o processo de necropolização do espaço da *pars urbana* insere-se numa perspectiva de ocupação pós-abandono que é a numericamente mais representativa nesta área regional (CARNEIRO, 2017a). Ambos os fenómenos, muito mal documentados na *Lusitania* por causa de uma investigação pouco atenta a estas realidades e mais interessada em colocar à vista os tapetes de mosaico e os componentes do momento de ocupação imperial, devem ser entendidos em movimentos mais amplos que ocorrem na *Hispania* durante o século V, nos quais estas tendências têm sido estudadas com maior profundidade (CHAVARRÍA ARNAU, 2004: 76; para redes de povoamento, CARNEIRO, 2017b). No quadro deste artigo, não nos cabe discutir em profundidade as causas e consequências destes processos, que no concelho de Fronteira estão muito bem documentados, mas os dados obtidos durante 2018 irão ser tratados em profundidade e divulgados publicamente.

Uma importante linha de investigação reside no estabelecimento de relações entre os agentes envolvidos nas sequências pós-deposicionais de ocupação nas *villae*, procurando perceber a sua identidade, ritos e comportamentos, e procurando avaliar se se tratam de comunidades exteriores ao espaço geográfico ou da população indígena que se adapta aos novos factores de mudança. A análise da cultura material é fundamental na percepção deste processo, sendo possível avaliar os retrocessos tecnológicos visíveis nos padrões de cultura material, com o aliante suplementar de poderem ser colocados em paralelo com as seriações artefactuais presentes nas necrópoles do Alto Alentejo (ver ROLO, 2015 e 2017, e projecto de doutoramento em curso). Todavia, o âmbito do projecto é mais vasto, pois procuramos entender como a presença romana implicou diferentes escalas e formas de negociação e interação entre os distintos protagonistas do processo, que ao longo de mais de sete séculos irão ocupar este território e deixar os testemunhos da sua presença.

AGRADECIMENTOS

Estamos gratos à Prins Bernhard Cultuurfonds pela iniciativa e generoso contributo na génese e concretização deste projecto. Também agradecemos ao Centro de Ciência Viva de Estremoz da Universidade de Évora e aos seus directores científicos, Isabel Machado e Rui Dias, pela sua colaboração em toda a logística e no excelente ambiente de trabalho. Ao Município de Fronteira, o generoso acolhimento e as facilidades concedidas. A todos os participantes na *fieldschool*, em especial aos “*team leaders*” Ana Martins, Manuel Peters, Sabrina Bianco e Jamie Dodd; e à UCA-GPR Service e equipa de Lázaro Lagóstena Barrios. Finalmente, a colaboração, sob várias formas, de Mónica Rolo, João Fonte, Cristina Charro Lobato e Victorino Mayoral Herrera tornou-se imprescindível para a formação e disseminação de conhecimento entre os alunos. 🐾

FIG. 6 – Participantes na *fieldschool* Fronteira Landscape Project, Janeiro-Fevereiro de 2018.



BIBLIOGRAFIA

- BROGIOLO, G. P. e CHAVARRÍA ARNAU, A. (2008) – “El Final de las Villas y las Transformaciones del Territorio Rural en Occidente (siglos V-VIII)”. In OCHOA, C. F.; GARCÍA-ENTERO, V. e GIL SENDINO, F. (eds.). *Las Villae Tardorromanas en el Occidente del Imperio: arquitectura y función. IV Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*. Gijón: Trea, pp. 193-213.
- CARNEIRO, A. (2004) – *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira*. Coimbra: Colibri.
- CARNEIRO, A. (2005) – *Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*. Coimbra: Colibri.
- CARNEIRO, A. (2014) – *Lugares, Tempos e Pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Fac. de Letras, Univ. de Coimbra.
- CARNEIRO, A. (2017a) – “O Final das *Villae* na Lusitânia Romana. O exemplo da Horta da Torre (Fronteira)”. *Urbs Regia*. Toledo. 2: 56-59.
- CARNEIRO, A. (2017b) – “Nos Limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo”. In TEIXEIRA, C. e CARNEIRO, A. (eds.). *Arqueologia da Transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. Coimbra: Coimbra University Press, pp. 39-64.
- CASAROTTO, A. (2018) – *Spatial Patterns in Landscape Archaeology: a GIS procedure to study settlement organization in early Roman colonial territories*. Leiden: Leiden University Press (*Archaeological Studies Leiden University*, 43).
- CHAVARRÍA ARNAU, A. (2004) – “Interpreting the Transformation of Late Roman Villae: the case of Spain”. In CHRISTIE, N. (ed.). *Landscapes of Change*. Aldershot: Ashgate, pp. 67-102.
- CHAVARRÍA ARNAU, A. (2007) – “El Final de las *Villae* en Hispania (siglos IV- VII). Turnhout: Brepols (*Bibliothèque de l'Antiquité Tardive*, 7).
- GARCÍA ENTERO, V. (2007) – “La Investigación de las *Villae Romanas* de la Meseta”. In REVILLA, V.; GONZÁLEZ, J. R. e PREVOSTI, M. (eds.). *Les Vil·les Romanes a la Tarraconense. Implantació, evolució i transformació. Estat actual de la Investigació del món rural en època romana*. Lleida: Museu d'Arqueologia de Catalunya, pp. 27-47 (*Monografies*, 11).
- GARCÍA SÁNCHEZ, J. (2009) – “El Poblamiento y la Explotación del Paisaje en la Meseta Norte entre la Edad del Hierro y Época Romana Altoimperial. Una aproximación a través de la arqueología espacial”. *Zephyrus*. Salamanca. 64: 81-96.
- GARCÍA SÁNCHEZ, J.; PELGROM, J. e STEK, T. D. (2017) – “Comparing re-surveys in Isernia and Venosa (Molise and Basilicata, Italy)”. *Mediterranean Archaeology & Archaeometry*. Rhodes: University of the Aegean. 17 (3): 39-52.

- MAYORAL HERRERA, V. (2018) – “Joey Williams. The Archaeology of Roman Surveillance in the Central Alentejo, Portugal (California Classical Studies 5. Berkeley: University of California, 2017)”. *European Journal of Archaeology*. SAGE Publications. 21 (2): 327-331.
- MUNRO, B. (2012) – “Recycling, demand for materials, and land ownership at villas in Italy and the western provinces in late antiquity (5th-6th century AD)”. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge University Press. 25: 351-370.
- PESSOA, M. (2008) – “Um *Sibadium* com Mosaico na *Villa Romana* do Rabaçal”. *Revista de História da Arte*. Univ. Nova de Lisboa. 6: 139-161.
- ROLO, M. (2015) – “A Necrópole Romana da Rouca (Alandroal, Évora)”. In BRANCO, G.; ROCHA, L.; DUARTE, C.; OLIVEIRA, J. de e BUENO, P. (eds.). *Arqueologia de Transição: o mundo funerário. Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição (29 de Abril a 1 de Maio 2013)*. Évora: CHAIA, pp. 146-153.
- ROLO, M. (2017) – “O Contributo dos Trabalhos de Abel Viana e António Dias de Deus para o Conhecimento do Mundo Funerário Romano no Termo Sul do Alto Alentejo (Portugal) e o Arqueossítio da Chamíné Como Caso de Estudo”. *Cuadernos de Arqueología da Universidad de Navarra*. Pamplona. 25: 57-89.
- SAVIANE, N. (2017) – “*Domus e Balneum*”. In BAUMGARTNER, M. (ed.). *Roma Rinascete. La città antica tra Quirinale e Pincio*. Roma: De Luca Editori d'Arte, pp. 107-123.
- STEK, T. D. (2018) – “Exploring non-urban society in the Mediterranean: hill-forts, villages and sanctuary sites in ancient Samnium, Italy”. *Antiquity*. Antiquity Publications Ltd. 92 (364): 1-7.
- STEK, T. D. e PELGROM, J. (2014) – *Roman Republican Colonization: New Perspectives from Archaeology and Ancient History*. Rome: Palombi.
- STEK, T. D.; MODRALL, E. B.; KALKERS, R.; VAN OTTERLOO, R. H. e SEVINK, J. (2015) – “An early Roman colonial landscape in the Apennine mountains: landscape archaeological research in the

- territory of Aesernia (Central-Southern Italy)”. *Analysis Archaeologica*. Edizioni Quasar. 1: 229-291.
- STEK, T. D.; PELGROM, J.; CASAROTTO, A.; GARCÍA SÁNCHEZ, J.; GÖTZ, L.; HAMEL, A.; IANNANTUONO, K.; KALKERS, R. A. A.; TERMEER, M. K. e WAAGEN, J. (2016) – “Santuari, villaggi, centri fortificati e prima urbanizzazione tra sanniti e romani”. *ArcheoMolise*. Associazione Culturale ArcheoIdea. 26: 24-39.
- STEK, T. D.; CARNEIRO, A. e GARCÍA SÁNCHEZ, J. (no prelo) – “First results of the new Frontier Landscape Project in North Alentejo, Portugal”. In STEK, T. D. e CARNEIRO, A. (eds.). *Proceedings of the International Conference The Archaeology of Roman Portugal. Leiden, The Netherlands, June 13-15 2018*.
- VÁQUERIZO GIL, D. e NOGUERA CELDRÁN, J. M. (1997) – *La Villa Romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba). Decoración escultórica e interpretación*. Murcia: EDITUM.
- VERHOEVEN, G. J. J. (2009) – “Providing an Archaeological Bird's-Eye View – An Overall Picture of Ground-Based Means to Execute Low-Altitude Aerial Photography (LAAP) in Archaeology”. *Archaeological Prospection*. Wiley Online Library. 16 (4): 233-249.
- VOLPE, G. (2006) – “*Sibadium* e *convivium* in una *villa* tardoantica (Fragola - Ascoli Satriano)”. In SILVESTRINI, M.; SPAGNUOLO VIGORITA, T. e VOLPE, G. (eds.). *Scritti in onore di Francesco Grelle*. Bari, pp. 319-349.
- WAAGEN, J. (2014) – “Evaluating background noise: Assessing off-site data from field surveys around the Italic sanctuary of S. Giovanni in Galdo, Molise, Italy”. *Journal of Field Archaeology*. Amsterdam School of Historical Studies. 39 (4): 417-429.
- WILLIAMS, J. (2017) – *The Archaeology of Roman Surveillance in the Central Alentejo, Portugal*. Berkeley: California Classical Studies.

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]